

Cabul destruída: êxodos afegães



Depois de um dia exaustivo de viagem, Francine desembarcou em Cabul. Tudo estava destruído. Os escombros ocupavam toda a avenida central, a Jade Maiwan, conhecida por seus edifícios de arquitetura bizantina cor de palha, cujo encanto e luminosidade especiais davam a Cabul um destaque junto às cidades consideradas monumentos arquitetônicos no Oriente.

Agora, a poeira dos edifícios bombardeados, os entulhos eram para a jovem francesa um espetáculo desolador. A guerra civil tomara conta do Afeganistão e, de fato, todos estavam sob o controle de um grupo religioso muçulmano, o Taliban, que em persa significa “estudante”.

A jovem procurou os aliados da resistência nos subúrbios da cidade, num campo de Shamak, onde vive uma parte dos refugiados.

- Gostaria de apresentar minhas credenciais da *Ação Contra a Fome* – disse Francine ao se apresentar ao comando do campo. Estou chegando de Paris e o carregamento de alimentos foi cortesia da Air France.
- Recebemos informações de sua Embaixada – disse o comandante, um homem muito alto, de olhos violeta, cabelos castanhos dourados e o rosto com bochechas gordas, queimadas pelo frio.

A moça tinha um rosto expressivo, cabelos pretos e curtos, vestia calças de brim azul desbotado, camisa branca e um casaco preto, curto. Carregava uma grande bolsa de couro pendurada no ombro esquerdo e tinha nas mãos uma pasta amarela com papéis e um computador portátil.

- Temos muitas crianças neste lugar que precisam de alimentos, remédios, roupas e carinho. Vários perderam os pais. Você é bem-vinda.
- Posso percorrer o campo? Gostaria de dar uma olhada nos arredores e depois seguir para o alojamento. Há alguém que possa me acompanhar?

- Vou pedir a Shamir que vá com você. Ele aprendeu francês com a secretária da Embaixada e é muito gentil.
- Gostaria de alguma coisa para beber. Vocês conseguem ainda receber água potável?
- Temos um reservatório pequeno. As mulheres recolhem mais água no chafariz da vila abandonada e depois a fervem no fogão a lenha.

Quando chegaram a uma barraca de lona no centro do campo, Francine percebeu que aí estavam depositadas as mercadorias que vinham dos comitês de apoio internacional.

- Shamir, esta é Francine. Veio da *Ação Contra a Fome*. Pode acompanhá-la nas redondezas? Mostre a ela as crianças. Elas ficarão felizes com sua presença.

Os dois cumprimentaram-se e saíram caminhando pelo campo. Depois de observar com cuidado as casas em ruínas, rumaram para o alojamento das crianças. A moça entrou no abrigo, uma velha fábrica adaptada para as novas funções de escola, alojamento e trabalho, e encontrou muitas crianças de diferentes idades reunidas num salão. Algumas escreviam, outras consertavam móveis, jovens cuidavam dos pequenos, tocavam e cantavam em voz baixa.

A presença dos dois provocou um silêncio repentino, seguido de um alvoroço. As crianças conheciam Francine através de um documentário apresentado no campo, referente ao trabalho de organizações não-governamentais de apoio aos refugiados do mundo; crianças mutiladas por minas em Angola. Seu destaque nesse audiovisual se deu pelo trabalho de apoio realizado em todo o território, ao lado de um engenheiro que desativava as minas, e por levar alimentos aos feridos.

- Jamila, venha receber a senhorita Francine, que veio nos ajudar!
- Claro! Uma salva de palmas para essa corajosa mulher – conclamou a moça.

Os que podiam ficaram de pé e aplaudiram muito. Francine ficou com os olhos marejados e sorriu, dizendo que gostaria de aprender a falar a língua local. Olhou a sua volta e viu muitos jovens mutilados. Sem braços, pernas ou impossibilitados de ver e andar.

Shamir convidou-a para conhecer o centro ortopédico onde se fabricavam muitas próteses para substituir os membros decepados nas explosões. Havia no campo voluntários da Cruz Vermelha, como a equipe de Alberto Cairo que, desde 1988, atuava no Afeganistão.

- Nossa fábrica de próteses é a maior do mundo, mas isso não nos orgulha – disse Alberto à jovem. – A violência e a guerra são as responsáveis por esse desenvolvimento industrial. Isso nos envergonha. Temos ainda um centro em Mazer el Sharif, um em Herat e outro em Jalalabad – afirmou o homem que apontava para projetos de pernas, mãos, braços ou pés mecânicos.
- Essa tragédia tem ocorrido especialmente pela ação dos tanques comandados por Masoud e seus adeptos do grupo Taliban. Eles atacam os grupos rivais e estão em guerra há mais de dez anos – prosseguiu Alberto.

Francine sabia bem o que estava acontecendo e, preocupada, questionou...

- Quando será proposta uma reconciliação nacional? É preciso salvar o país e seus habitantes. Temo esse processo que vai corroendo as relações entre os homens e tornando a violência parte de um cotidiano assimilado por todos. As crianças filhas da guerra não conseguem valorizar a paz. Isso põe em risco toda a humanidade – concluiu com tristeza.
- Muitas pessoas estão convencidas da necessidade da paz e da preservação do planeta. Você é uma delas.
- Vamos fazer crescer esse sentimento – disse, segurando no braço do rapaz e caminhando em direção ao pátio.

Shamir sentiu-se mais forte e orgulhoso por pertencer ao grupo dos que salvariam o homem e o planeta. Seguiu imbuído da idéia de criar nos jovens sob seus cuidados um sentimento da importância dessa causa.

Caminharam durante duas horas, observando as formas de sobrevivência que as pessoas criavam em condições tão adversas.

- Há muitas mulheres neste campo, pois os maridos morreram na guerra – afirmou Shamir, acompanhando o olhar curioso da francesa.
- A guerra continua fazendo viúvas, não é?

Shamir não precisou responder. As rajadas de metralhadoras e o estrondo dos bombardeios ao longe mostraram que os confrontos entre a resistência e o Taliban prosseguiram.

- Estamos divididos em três grupos étnicos. Este campo abriga o povo hazara, o mais pobre do Afeganistão. Os outros grupos são os tadjiques e os pachtos. Estão aqui quatrocentos grupos familiares. As viúvas já somam seiscentas. Mas todos os dias novos refugiados chegam em busca de abrigo e proteção.
- Há campos para os outros grupos étnicos? – inquiriu Francine.
- O campo Sakhi, ao norte, reúne os habitantes do Tadjiquistão. Ele fica junto à estrada que liga Mazar el Sharif a Cabul.
- E todas essas províncias pertenciam à União Soviética?

Shamir assentiu. Com o fim do bloco socialista, os grupos políticos e religiosos acirram as disputas pelo poder hegemônico sobre os demais.

- O pior é que, numa situação de guerra, formam-se muitas máfias, que controlam o contrabando e lucram com a venda de armas e explosivos, enquanto o povo vive sem qualquer proteção legal, moral ou mesmo governamental.
- Mas havia esperança de maior liberdade e de democracia fora do controle dos soviéticos, não?
- Havia, mas as disputas corroeram as possibilidades de acordos políticos. A unidade existia somente contra o poder da Rússia. Depois, antigos aliados passaram a se degladiar. Há muitos preconceitos, xenofobia e localismos. Os ódios são muito antigos. Eles ficaram muito tempo adormecidos...

- Mas – ponderou Francine – o socialismo não eliminou, ao longo de todos esses anos, o individualismo?
 - Não. As diferenças sociais continuaram muito fortes e a escassez também foi muito grande durante o período de crise.
 - Há, no entanto, uma enorme solidariedade entre as pessoas do campo de refugiados – afirmou a moça. – É só uma primeira impressão, evidentemente, mas ela salta aos olhos...
 - Essa pode ser uma lição importante para as gerações futuras – disse Shamir. – As crianças são nossa esperança de sobrevivência. Quando mostramos o vídeo sobre crianças africanas ou mesmo latino-americanas, percebemos uma forte identificação com os problemas vividos. Penso que as crianças que vivem em lugares sem guerras precisam ver essas imagens para desenvolverem um sentimento de oposição à guerra. Ela não é alternativa para a liberdade.
 - Precisamos investir nesse caminho – concordou Francine. – As imagens do sofrimento e da dignidade podem ser um elo fundamental nesse reencontro do homem.
 - Você pode levar nossas histórias para outros grupos e tentar uma corrente de solidariedade que não nos separe por religião ou país.
- Ela sorriu e balançou positivamente a cabeça. Sentiu que a corrente já estava sendo formada.

FOTO Vítima da guerra no Afeganistão em meio às ruínas da avenida Jade Maiwan. Cabul, Afeganistão, 1996.

MAPA n. 4 Deslocados e refugiados afegãos, curdos e palestinos.

LIVROS AKCELRUD, Isaac. *Oriente Médio*. São Paulo: Atual/Unicamp, 1984 ■ BRENER, Jayme. *Ferida aberta: o Oriente Médio e a nova ordem mundial*. São Paulo: Atual, 1996 ■ _____. *As guerras entre árabes e judeus*. São Paulo: Scipione, 1997 ■ CARZOU, Jean Marie. *Un génocide exemplaire – Arménie 1915*. Paris: Flammarion, 1975 ■ DEL PINO, Domingo. *A tragédia do Líbano*. São Paulo: Clube do Líbano, 1989.

FILMES *Nova York sitiada* (1998, Edward Zwick) ■ *O pacificador* (1997, Mimi Leder).

AFEGANISTÃO

A Independência do Afeganistão ocorreu em 1919, quando Amanullah Kan liderou a guerra contra os ingleses. Foi derrubado em 1929 por Mohamed Nadir Shah. Em 1973, o Partido Democrata do Povo Afegão proclamou a República. Depois de uma série de conflitos pelo poder, Hafizullah Amin assumiu o cargo de primeiro-ministro em abril de 1979 e eliminou seus inimigos. O novo governo introduziu a alfabetização obrigatória e a reforma agrária, contrariando os interesses dos grandes proprietários de terras e dos dirigentes re-

ligiosos. No mesmo ano, Amin foi assassinado e a URSS, alegando razões estratégicas, invadiu o país, impondo o novo presidente, Babrak Karmal. A nova situação política levou milhões de afegãos ao exílio nos países vizinhos. Durante a década de 80, apoiado pelos soviéticos, o governo atacou os grupos rebeldes, impedindo a oposição de se estabelecer em termos políticos.

Em 1987, um cessar-fogo proposto pelo governo afegão e por Mikhail Gorbachev defendia a abertura das negociações e iniciava a retirada das tropas da URSS. As negociações demoraram seis anos para serem implementadas e, apesar dos governos de coalizão terem sido efetivados, os conflitos entre as guerrilhas das diferentes etnias afegãs (pachtos, tadjiques e uzbeques) assolaram e destruíram a capital, Cabul. O Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas (ACNUR) estimava, no início da década de 90, que havia 4,5 milhões de refugiados, a maioria no Irã.

Em 1995, surgiu, no sul do país, um novo grupo armado, o Taliban, tendo como objetivo a criação de um governo islâmico unificado. Dois anos depois, eles tomavam a capital e tinham o controle da maioria do território, impondo ao Afeganistão as leis do Corão, excluindo as mulheres da esfera pública e do sistema educacional, proibindo o cinema, o teatro e o consumo de álcool. Atualmente, cerca de 90% do território está sob controle do Taliban, o restante ainda está dividido por diversos outros grupos armados.